

## CADÊ VOCÊ? A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NO RÁDIO DO RECÔNCAVO DA BAHIA<sup>1</sup>

Leandro Queiroz Santos NEVES<sup>2</sup>

Daniela Costa RIBEIRO<sup>3</sup>

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA

### RESUMO

O presente trabalho visa investigar a contribuição do programa “Cadê Você”, apresentado entre 2013 e 2016 pelo radialista Oton Silva (in memoriam) na Rádio Alvorada/Rádio Excelsior Recôncavo para a construção e consolidação da memória no rádio do Recôncavo da Bahia. Para tanto, a contextualização do histórico do rádio como veículo de comunicação de massa e sua influência na região; a conceituação da memória e sua contribuição para o reconhecimento da identidade e cultura de um povo; e o estudo de caso por meio de depoimentos voluntários sobre aspectos que envolvam o programa e seu apresentador são discussões e reflexões propostas na tentativa de revelar a contribuição do respectivo programa, seu apresentador, do rádio e da prática jornalística para consolidação da memória.

**PALAVRAS-CHAVES:** Rádio; Memória; Cultura; Identidade; Programa Cadê Você.

### 1. INTRODUÇÃO

A memória é fundamental para o reconhecimento e valorização da identidade e cultura de um povo (SANTOS, 2011), situando o tempo e espaço em determinado contexto histórico que sem um resgate está fadado ao esquecimento, extinção e apropriações. O processo de construção da memória acontece com a integração individual e coletiva das experiências que os sujeitos sociais têm referentes as tradições e costumes da cultura em que estão inseridos ou se sentem pertencidos.

A comunicação por meio do rádio é abrangente no Recôncavo da Bahia, revelando sua relevância na contribuição para a construção da identidade local através da integração dos sujeitos sociais – especialmente comunicadores e ouvintes. A construção da memória do rádio (SILVA, 2004) é um desafio para comunicadores e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado como requisito parcial e complementar à produção radiofônica, realizada na disciplina de Laboratório de Radiojornalismo II, no semestre letivo de 2017.1.

<sup>2</sup> Graduando do 5º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, e-mail: [leandroqueirozsn@gmail.com](mailto:leandroqueirozsn@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora do Trabalho e Professora Mestra do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, e-mail: [turmasdaniribeiro@gmail.com](mailto:turmasdaniribeiro@gmail.com)

pesquisadores que reconhecem o protagonismo desse meio de comunicação (GOMES, 2016) com vínculo influente exercido na vida dos ouvintes e na consolidação da cultura e identidade do povo. Especialmente, quando se explicita os desafios para as produções e para armazenamento dos registros.

Este trabalho visa investigar a construção da memória no rádio do Recôncavo da Bahia por meio do programa “Cadê Você?” apresentado pelo radialista Oton Silva (*in memoriam*) de 2013 a 2016 na Rádio Alvorada/Rádio Excelsior Recôncavo. A investigação parte da pergunta “Qual a importância do programa “Cadê Você?” apresentado pelo radialista Oton Silva para a construção da memória no rádio do Recôncavo da Bahia?” com o intuito de reconhecer a importância do programa “Cadê Você?” para a construção da memória no rádio do Recôncavo da Bahia num processo de consolidação da identidade e cultura do povo na região.

Nesse contexto, faz-se necessário, especificamente, demonstrar o processo histórico do rádio e seu desenvolvimento como veículo de comunicação integrado ao cotidiano da população; discutir a contribuição da memória no rádio para a construção da identidade e cultura do povo; e analisar o programa “Cadê Você” – por meio de depoimentos de pessoas direta ou indiretamente ligadas a experiência do programa no ar – como instrumento para construção da memória no rádio do Recôncavo da Bahia.

Primeiramente, a pesquisa bibliográfica inicia a investigação com a busca por base teórica sobre o rádio, para pontuar aspectos do seu contexto histórico, legislação e panorama atual. Faz-se necessário também abordar a memória, possibilitando a discussão da importância dos registros para o fortalecimento da cultura e identidade de um povo. Por conseguinte, o estudo de caso é realizado por meio de depoimentos de seis voluntários incluindo ouvintes, participantes e pessoas que direta ou indiretamente tiveram experiência com o programa “Cadê Você?” e seu apresentador. Assim, ressaltando aspectos como a proposta, o conteúdo, ação do apresentador e, conseqüentemente, recepção dos ouvintes.

Portanto, será plausível a discussão e reflexão sobre os aspectos referentes a importância do rádio como veículo de comunicação de massa (bem como da prática jornalística); da memória como resgate a identidade e cultura do povo; e do programa “Cadê Você?” e, de certa forma, do radialista Oton Silva nesse processo, ao qual o

estudo se propõe, de ressaltar a necessidade da construção da memória no rádio, especialmente no Recôncavo da Bahia.

## **2. O PERCURSO DO DESENVOLVIMENTO DO RÁDIO NA HISTÓRIA DO BRASIL: UM INCENTIVO A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA**

O início do rádio no Brasil recebe algumas datas que marcam o contexto histórico para o seu desenvolvimento. É datado em 6 de abril de 1919 por uma experiência amadora, com um transmissor importado da França, o acontecimento da inauguração da Rádio Clube de Pernambuco por Oscar Moreira Pinto, na cidade de Recife. Oficialmente, consideram o marco do surgimento do rádio – devido a presença de representante do Estado – no Rio de Janeiro. Quando em 7 de setembro de 1922, em ocasião das comemorações ao Centenário da Independência do Brasil, 80 receptores permitem que parte da sociedade carioca ouçam em casa o discurso do Presidente Epitácio Pessoa, pela emissora Westinghouse.

A Westinghouse havia instalado uma emissora, cujo transmissor, de 500 watts, estava localizado no alto do Corcovado. Durante alguns dias, após a inauguração, foram transmitidas óperas diretamente do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. A demonstração pública causou impacto, mas as transmissões foram logo encerradas por falta de um projeto que lhes desse continuidade. (ORTRIWANO, 1985, p.13)

Marcada como data definitiva para o desenvolvimento da radiodifusão no Brasil, tem-se 20 de abril de 1923. Nesse dia, começam as transmissões da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Roquette Pinto e Henry Morize, com um vínculo aproximado para uma produção educativa. De início, o rádio não era de acesso a grande parte da população, mas aos seletos membros da sociedade que podiam custear a importação dos aparelhos receptores, com alto valor aquisitivo à época. Entretanto, para os seus fundadores, o rádio deveria “levar a cada canto um pouco de educação, de ensino e de alegria”.

Ainda que inicialmente o conteúdo da programação beneficiasse a classe dos intelectuais e cientistas – diante da transmissão de óperas, recitais de poesias e palestras culturais – o desejo de Roquette Pinto se realizaria mais tarde com o notável desenvolvimento do rádio como um meio de comunicação de massa. Na década

---

inaugural, o rádio foi se expandindo pelo território brasileiro por idealistas que acreditavam na potencialidade do novo meio de comunicação.

“Clube” e “Sociedade” eram denominações bastante empregadas nas emissoras. Estas, eram mantidas pelas mensalidades pagas por quem tinha os receptores; doações de entidades públicas e privadas; e por sócios que aderiam aos apelos constantes. Além disso, para ajudar na manutenção das emissoras, haviam raros anúncios pagos, a rigor proibidos pela regulação da época – diferentemente da nova fase do rádio.

Por não receber os recursos para a manutenção das emissoras de forma constante, as rádios viram ameaçada a possibilidade de desenvolvimento da radiodifusão no Brasil. Surge então a segunda fase do rádio, marcada pelo incentivo governamental, especialmente por permitir a publicidade<sup>4</sup> durante as programações.

O Governo mostra, a partir dos anos 30, preocupar-se seriamente com o novo meio, que definia como serviço de interesse nacional e de finalidade educativa”, regulamentando o seu funcionamento e passando a imaginar maneiras de proporcionar-lhe bases econômicas mais sólidas, concretizadas pelo Decreto nº 21.111, que autorizava a veiculação de propaganda pelo áudio, tendo limitado sua manifestação, inicialmente, a 10% da programação, (...). (ORTRIWANO, 1985, p.15)

Nesse contexto, o caráter de cunho erudito, cultural e educativo do rádio passa a ser voltado ao lazer e diversão – acompanhado das mensagens comerciais. Isso propiciou que as emissoras se organizassem como empresas, revogando o interesse primordialmente educativo, para disputar o mercado de oferta publicitária. O desenvolvimento técnico, status da emissora e sua popularidade eram importantes aspectos a serem considerados na competição pela injeção de anúncios publicitários.

A necessidade de implantar o consumismo no Brasil, impulsionada com a Revolução Industrial; e o interesse político em conquistar eleitores para o seu plano de governo; levou empresários e políticos enxergar a importância da radiodifusão no país. Comparado aos meios de comunicação impressos já existentes, o rádio era o veículo mais oportuno, diante da alta taxa de analfabetismo da população.

Com a publicidade sendo o suporte para a manutenção das emissoras, as programações precisaram ser estruturadas com o fixo intuito de alcançar grandes

---

<sup>4</sup> Por meio do Decreto Nº 21.111, de 1º de março de 1932 que regulamentou o Decreto Nº 20.047 de maio de 1931.

---

audiências e, em contrapartida, possibilitar o incremento de altas taxas de anunciantes. A profissionalização e criatividade na área radiofônica são despertadas pelas emissoras. Em 1935, a criação dos auditórios pelas paulistanas Rádio Kosmos e Rádio América são reflexo do desenvolvimento do meio de comunicação que passava a atingir e conquistar as massas no território brasileiro. A expansão do rádio beneficiava, ainda que em contextos diferentes, os objetivos dos proprietários das emissoras, empresários e políticos.

Logo após a Revolução de 30, havia sido criado o Departamento Oficial de Propaganda – DOP, encarregado de uma seção de rádio que antecedeu a “Hora do Brasil”. Em 1934, o DOP foi transformado em Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, surgindo então “A Voz do Brasil”. Posteriormente, o Decreto nº 1.915, de 27 de dezembro de 1939, criava o Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, diretamente ligado à Presidência da República e que substituiu o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, “tendo a seu encargo a fiscalização e censura não só do conteúdo das programações radiofônicas, como as do cinema, teatro e jornais”. Depois, “A Voz do Brasil” passou a ser responsabilidade da Agência Nacional, atual Empresa Brasileira de Notícias – EBN. (ORTRIWANO, 1985, p.18)

A década de 40 consolida as atividades nas emissoras de rádio. Apresenta-se produções marcantes como as radionovelas, os programas esportivos e dos jornalísticos como o enaltecido Reporter Esso – criado em 1941 e extinto no dia 31 de dezembro de 1968. Vale ressaltar, as transmissões dos programas de auditório que revelaram e consolidaram a carreira de muitos cantores e artistas nacionalmente. Essa “era do ouro” que transformou o rádio no meio de comunicação mais veiculado no território nacional termina com o surgimento da televisão em 1950. Ainda que as grandes audiências tenham sido transferidas nas décadas seguintes para as emissoras de televisão, o rádio conseguiu manter a credibilidade até os dias atuais, seja nas ondas de frequência AM ou, mais assiduamente, nas FM<sup>5</sup>.

A interferência da publicidade nas programações e as concessões para transmissões permitidas pelo Estado não ocasionaram a extinção do rádio da história, da memória e do cotidiano da população brasileira. O rádio favorece por meio da

---

<sup>5</sup> Decreto Nº 8.139, de 7 de novembro de 2013; Dispõe sobre as condições para extinção do serviço de radiodifusão sonora em ondas médias de caráter local, sobre a adaptação das outorgas vigentes para execução deste serviço e dá outras providências.

---

transmissão oral em larga escala o reconhecimento, a consolidação e a manifestação da identidade e da cultura no âmbito local, regional e nacional da população brasileira.

### **3. A MEMÓRIA NO RÁDIO: A CONSOLIDAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DE UM POVO?**

Ao longo da história, o conjunto de signos, linguagem e costumes que sobreviveram ao silêncio, esquecimento e destruição foram conduzindo as sociedades para o reconhecimento de sua identidade e cultura, favorecendo a consolidação da memória. O desenvolvimento dos meios de comunicação propiciou, se não o armazenamento da memória das identidades culturais do povo, ao menos a difusão das identidades culturais no cotidiano – impulsionando a possibilidade da construção da memória, no âmbito individual ou coletivo.

A memória tem função social, ela transmite ao outro uma informação sobre aquilo que está ausente. O esquecimento é a outra face da memória, é a seleção que fazemos dos acontecimentos traumáticos. Por sua vez é através do pensamento e da linguagem que procedemos à apreensão do mundo social. Por outro lado, a forma como nos expressamos e o que dizemos são inevitavelmente gerados pela cultura na qual estamos inseridos. Um outro aspecto relevante é que a memória é um ato coletivo. Em nenhum momento, a rememoração ocorre de forma isolada porque é ordinariamente a ação de um ser social. A memória coletiva está na dependência da memória individual e esta se encontra enraizada nas malhas de grupos múltiplos nos quais estamos engajados. Ela é o elemento que permite perceber nos sujeitos a presença do social. (SILVA, 2004)

Reconhecer a sua identidade e sua cultura deve ser um dos principais desejos de todo ser humano que busca um sentido concreto de pertencimento a sociedade em que está inserido. Segundo GOMES (2016), “As formas primordiais de conexão entre passado e presente são concepções que regulam o desejo inconsciente do sujeito social em busca contínua da sua própria identidade”. Diante do conhecimento das diferentes trajetórias que os grupos sociais – especialmente com o processo de colonização e, mais recentemente, da globalização – traçaram ou foram obrigados a traçar, vale ressaltar que um indivíduo reconheceria na sua própria identidade a influência de experiências e culturas múltiplas.

A diversidade de aspectos que formam ou transformam uma determinada identidade ou cultura permite a necessidade de discutir e refletir sobre o seu real conceito e sobre a importância dos registros da memória para sua consolidação. Atualmente, fomenta-se discussões referentes ao sentido concreto de identidade, que se afastaria do contexto de idêntico, igual e permanente para se aproximar do contexto do que é contraditório, múltiplo e mutável – diante da dinamicidade que os processos de construção dos signos têm apresentando.

O fato é que no campo da análise em que cultura é entendida como coisa dinâmica, não estática e sempre mutável, o conceito de identidade como característica do que permanece tal como é (embora possa ser percebido como múltiplo) não daria conta de explicar fenômenos que se constroem no mundo sócio-cultural marcado pela dinamicidade das construções simbólicas fluídas, que como tais são perenes de *lutas de representações* (CHARTIER, 1990) que marcam simbolicamente a identidade e delimitam poder de inclusão ou exclusão. (SANTOS, 2011, p. 143)

Nesse contexto, a determinação das culturas das minorias – negros, feministas, homossexuais entre outros – em sua luta pelo reconhecimento de singularidades nas questões identitárias do seu respectivo grupo para validação de direitos sociais e políticos reflete essa dinamicidade. Especialmente, no que tange o conceito de identidade e cultura aproximado a um processo de identificação/diferenciação. Todavia, pensando na construção da memória no rádio aqui investigada é necessário expor a grande contribuição desse meio de comunicação de massa para o fortalecimento de aspectos comuns de uma mesma identidade, cultura ou localidade. Por isso, dentre as diferenciações expostas nos conceitos de identidade o mais oportuno a ser usado seja o *de identidade de permanência-essência*.

Seriam aquelas identidades que se fundamentam em um discurso de um “ser coletivo, verdadeiro e uno” que acreditam ter uma essência fixa e imutável, e que mesmo que a “identidade verdadeira” tenha sido esquecida ou renegada essa pode ser “ressuscitada” e recuperada. Aos olhos dos seus defensores a identidade cultural forneceria a unicidade e imutabilidade de um povo. (SANTOS, 2011, p. 152)

Se não é esse o resultado que o rádio tem alcançado com o recente interesse pela construção de sua memória, os esforços para que essa consolidação favoreça o sentido de pertencimento, reconhecimento e valorização da cultura e identidade do povo de

determinada localidade têm crescido. A memória do rádio representa uma série de fatos vivenciados e abordados no cotidiano, independente de classes e contextos sociais, que integram a consciência cultural coletiva e, por isso, os valores e signos fadados ao esquecimento precisam ser resguardados.

Na sociedade moderna, em que impera a difusão de produtos pela indústria midiática, é preciso encarar a cultura como um bem social da coletividade. Por tal razão, entender os processos mnemônicos também implica refletir sobre o nosso engajamento na sociedade e o compromisso em preservar o universo de valores que permeiam o ser social, hoje cerceado pelas determinações do mundo globalizado. (GOMES, 2016, p. 13)

Uma das dificuldades que o rádio enfrenta para a consolidação da memória é com o armazenamento dos registros e produções radiofônicas. A determinação governamental para as emissoras de rádio que mantêm a concessão ativa é de arquivamento máximo durante dois meses<sup>6</sup>. Ou seja, as próprias produções cotidianas do rádio estão fadadas ao esquecimento pelo não obrigatoriedade do armazenamento dos registros num longo prazo. Isso reforça a relevância dos profissionais do rádio e dos ouvintes na construção da memória e consolidação da cultura e identidade do povo.

#### **4. O PROGRAMA “CADÊ VOCÊ?” E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NO RÁDIO DO RECÔNCAVO DA BAHIA**

Em 2013, iniciou-se as transmissões do programa “Cadê Você?” pela Rádio Alvorada AM e, posteriormente, com transmissões simultâneas pela Rádio Excelsior Recôncavo FM. Ambas emissoras sob responsabilidade de autoridades da Igreja Católica da cidade de Cruz das Almas, situada no Recôncavo da Bahia. Apresentado pelo radialista Oton Silva e com participação do – irmão e colega de profissão na comunicação – Jorge Cleber, o “Cadê Você” ficou no ar até o primeiro trimestre de 2017, em decorrência da enfermidade e falecimento do âncora e idealizador do programa.

A proposta do Oton Silva era fundada no resgate as tradições e costumes da cultura e da identidade do povo na localidade do Recôncavo baiano, utilizando-se do

---

<sup>6</sup> Portaria nº 4334, de 17 de setembro de 2015; Art. 108. Toda a irradiação deverá ser gravada e mantida em arquivo durante as vinte e quatro horas subsequentes ao encerramento dos trabalhos diários da emissora, devendo também ser conservados em arquivo, durante sessenta dias, os textos dos programas, inclusive noticiosos, devidamente autenticados pelo responsável legal da entidade.

rádio como meio de comunicação de massa – que o projetou pessoalmente e profissionalmente na região – para despertar o culto e a consolidação da memória pela população. A trajetória pessoal e profissional do radialista Oton Silva, bem como do programa “Cadê Você?” será abordada e analisada aqui por meio dos depoimentos voluntários e da memória de pessoas com relação familiar, de amizade, de ouvinte e de colegas de profissão.

Os depoimentos seguem os procedimentos da pesquisa científica baseada na ética, tendo a identificação dos nomes consentida pelos respectivos voluntários. Silvio Caldas, radialista e coordenador da Santa Cruz FM; Rei Cônsul, radialista da Rádio Alvorada AM/Rádio Excelsior Recôncavo FM; Jorge Cleber, radialista da Rádio Alvorada AM/Rádio Excelsior Recôncavo FM e irmão de Oton Silva; Fernando Brito, ouvinte do programa “Cadê Você?”; Luciana Lordelo, viúva do radialista Oton Silva; e Thiago Chagas, advogado e vereador.

#### **4.1 OTON SILVA (*IN MEMORIAN*) E SEU INTERESSE PELA CULTURA E MEMÓRIA COMO PROFISSIONAL DO RÁDIO**

Nascido em 23 de outubro de 1966 – década em que o rádio saía da “era do ouro” por conta do sucesso da televisão – no município baiano de Castro Alves, Raimundo Otonilson da Silva Santos mais tarde torna-se um dos grandes nomes da comunicação e do rádio na região do Recôncavo baiano, após firmar moradia na cidade circunvizinha de Cruz das Almas.

O filho primogênito de Dona Gildete, após conseguir o diploma de técnico agrícola, foi convidado por Silvestre Caldas – pai do seu amigo Silvio e colega de curso técnico – para acompanhá-lo nas transmissões da Rede Líder como comentarista esportivo. Esse convite marca o início, em Cruz das Almas, da trajetória profissional na comunicação do Oton Silva que recebeu o nome artístico do próprio Silvestre Caldas. Numa prática constante do mesmo, como afirma o xará do Oton que também recebeu seu nome artístico do dono da Rede Líder.

Esse nome que foi colocado por Silvestre Caldas. Silvestre sempre gosta, assim, de mesclar o nome. Tinha uma menina que não tinha o sobrenome Palmas, mas ele botou Andrea Palmas. Rita Mascote. Ele tinha sempre essa vontade de colocar o nome nas pessoas. E deu certo, Rei Consul. Hoje, graças a Deus eu sou mais conhecido como Rei

Consul do que como Raimundo Conceição. (Rei Cônsul, radialista, 22/02/2018)

Torcedor fanático do Esporte Clube Bahia, inclusive homenageando-o ao ostentar as cores e o escudo do time em sua residência, Oton não se limitou aos comentários do esporte na sua atividade profissional. A sua trajetória inicia-se na Rede Líder, o pioneiro e tradicional serviço de autofalante de Cruz das Almas, mas Oton passou por outros veículos de comunicação até chegar na Rádio Alvorada AM, sua última emissora de contrato até encerrá-lo no dia 4 de novembro de 2016. Independentemente da programação, a alegria e a leveza na mensagem era uma marca dele, sem deixar despercebido a seriedade com o conteúdo. A responsabilidade de Oton no rádio também era refletida no compromisso com o horário.

Falava o que tinha que falar e brincava muito também, como era natural, normal dele, do pessoal. Mesmo no rádio quando tinha oportunidade estava brincando, sorrindo sempre, mas sempre, aquela coisa, tudo tem o seu momento. Ele sempre foi muito sério. Muito competente, também profissional no que fazia. Se era para fazer o programa tal, ele ia e fazia com todo profissionalismo. Se era para transmissão de rádio, de carnaval, de eventos, São João, transmissão de futebol, ele estava lá cumprindo tudo certinho. Os horários, fazia sua cobertura com perfeição, com profissionalismo. (Silvio Caldas, radialista, 21/02/2018)

Ele era muito responsável e muito ético. Ele sempre gostava de cumprir os horários, jamais faltava, era muito difícil. Só realmente quando não tinha condições. Então, ele gostava do que fazia. Ele levava muito a sério. Mesmo o programa sendo dele ou não sendo dele, que nós não sabemos como funciona isso, mas ele sempre foi muito responsável nos horários. (Luciana Lordelo, viúva, 22/02/2018)

A rotina de radialista não era isolada, pois a formação profissional do Oton era de agrônomo. O seu interesse pela Agronomia não terminou ao receber o diploma de técnico agrícola pelo Colégio Estadual Alberto Torres - CEAT (atual CETEP Recôncavo II - Alberto Torres). Tanto que após a graduação, ele ingressou e concluiu o mestrado em Ciências Agrárias em 2001 pela UFBA. Entretanto, o radialista nunca se afastou do microfone e quando possível encaixava a agronomia na programação da comunicação – como na apresentação do programa Alvorada no Campo – tentando sempre conciliar as duas rotinas.

---

Oton tem essa trajetória do Cadê Você e teve também ainda o Alvorada no Campo. Justamente uma coisa ligada à sua profissão que era de agrônomo. (...). Tinha também o Alvorada no Campo, que era um programa que começava as cinco da manhã e ia até as sete da manhã. Onde eu também participava. As vezes ele tinha algum compromisso, onde eu apresentava o programa também. Então, é uma trajetória muito longa e tem o outro lado também do Alvorada no Campo. Até chegar também no Cadê Você. (Jorge Cleber, radialista e irmão, 21/02/2018)

Depois da Rede Líder, ele trabalhou na Santa Cruz. Ele trabalhou em outras emissoras aqui também, de rádio. Passou por várias rádios. Panorama, porque agora já mudaram os nomes, mas, até chegar na rádio Alvorada. Então ele nunca ficou sem atuar no rádio. Mesmo trabalhando depois como agrônomo, mesmo atuando, mesmo estudando. Tanto que ele fazia um programa de manhã cedinho, voltando para o homem do campo. As 5 horas da manhã era o programa. Ele saía do rádio, depois – 7 horas acabava o programa – ele chegava em casa, tomava café e ia para a universidade, porque ele fazia o mestrado. Então, assim, ele sempre tentava conciliar. O estudo com a rádio. Eu acompanhei durante todo esse processo. (Luciana Lordelo, 22/02/2018)

Oton Silva deu o primeiro passo para conquistar o diploma num curso de comunicação em 2015. Aprovado, passou a cursar Comunicação Social-Jornalismo na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, se ausentando do curso após dois semestres para se dedicar ao tratamento de um câncer que culminou na sua morte. Durante toda sua vida, o radialista construiu um interesse impar pela cultura, especialmente a da sua localidade e região.

(...)ele foi presidente da Casa da Cultura Galeno d’Avelírio em Cruz das Almas, que justamente por essa ligação de tanto amar a cultura. Ele amava. Ele gostava do chorinho. A Casa da Cultura fazia, acho que todas as segundas-feiras, o chorinho. Então, ele era apaixonado. O que era regional e cultural, você poderia saber que Oton estava ali presente. Ele era categórico nisso em relação ao regionalismo. Não dá pra pensar em Oton, sem pensar em cultura, o que fosse cultura, seja ela regional ou nacional, de onde for. Ele era um apaixonado, ele buscava, ele ficava pesquisando e tudo. Sabia o que era cultura. Não só a nossa cultura, mas como a nordestina, brasileira, do mundo, você pode associar a Oton Silva. Ele amava essa coisa de cultura. Falou em cultura, você podia saber que Oton estava envolvido, estava ali, ele queria saber e sempre buscar algo mais. (Jorge Cleber, 21/02/2018)

Como reconhecimento pela sua luta pela cultura, ainda em vida, veio o mandato como presidente da Casa de Cultura Galeno d’Avelírio em Cruz das Almas que durou até pedir afastamento para cursar Jornalismo. Todavia, após a sua morte, o vereador

Thiago Chagas criou um projeto de lei<sup>7</sup> para que a sala de imprensa do Arraiá de Cruz das Almas-BA seja intitulada “radialista Oton Silva”. Além disso, no ano de 2017 o espaço físico em que aconteceu os festejos juninos foi intitulado “Circuito Oton Silva” como forma de homenagem póstuma.

Um povo que não tem história é um povo que convive mal com seu presente e não chegará muito longe no futuro. Nessa vertente da comunicação, Oton, sem sombra de dúvidas é um grande ícone a ser lembrado, observado. E nós colocarmos o nome dele em uma sala de imprensa é apenas um simbolismo. Temos que ter de fato a lembrança do homem que era, do trajeto que ele fez, da forma que ele se comportava no dia-a-dia. Então, por cima da lembrança do nome que as pessoas se debrucem no dia-a-dia e nas próximas gerações, para saber quem foi. E daí pegar essa base, esse alicerce para fazer algo tão bom, quanto ele já conseguiu fazer em nossa sociedade. (Thiago Chagas, vereador, 28/11/2017)

Por ser um defensor da cultura e, conseqüentemente, da preservação dos costumes e tradições de um povo, Oton por ser um profissional do rádio ajudou a difundir a memória do Recôncavo baiano num acesso à comunicação de massa. A idealização do programa “Cadê Você?” e, posterior, transmissão pela Rádio Alvorada AM/Rádio Excelsior Recôncavo FM, entre 2013 e 2017, reflete na preocupação do radialista Oton Silva em consolidar a memória no rádio. De certa forma, reconhecendo a influência desse veículo de comunicação no cotidiano da população e, conseqüentemente, a importância de ampliar o debate de se garantir a radiodifusão para valorizar a identidade e a cultura.

#### **4.2 “CADÊ VOCÊ?” E A PROPOSTA DA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NO RÁDIO**

Ainda que o ato de lembrar seja individual, as lembranças são relacionadas ao grupo social que o ator da lembrança faz parte ou julga pertencer. Dessa maneira, ao determinar pertencimento a uma cultura o indivíduo associa experiências coletivas incluídas nela como ao representativo para o seu particular. Assim, aborda-se a

---

<sup>7</sup> Após aprovação do projeto de lei, proposto pelo advogado e vereador Thiago Chagas (PTB), na Câmara de Vereadores de Cruz das Almas, foi sancionada como lei de nº 8537/2017 que institui, a partir dos anos subsequentes a aprovação, a sala de imprensa dos festejos juninos de Cruz das Almas como intitulada “radialista Oton Silva”.

construção da memória como um processo no âmbito social que integra experiências, signos e linguagens individuais e coletivas.

O programa “Cadê Você?” transmitido pela Rádio Alvorada AM/Rádio Excelsior Recôncavo FM, de segunda a sexta-feira, das 10 as 11 horas da manhã, entre 2013 e 2017, com apresentação do radialista Oton Silva (in memoriam) tinha proposta definida para o resgate das lembranças da cultura da localidade e região. A difusão da memória no rádio foi a estratégia utilizada pelo radialista para que a cultura – a qual, se não se sentia pertencido, estava inserido – do Recôncavo da Bahia fosse lembrada, reconhecida e valorizada pelos cidadãos.

A princípio quando nós íamos criar o programa “Cadê Você?”, era justamente eu e o Oton. Era um programa diferenciado. Ele era muito tradiocionalista e regionalista. Ele era muito categórico nisso. Ele queria fazer um programa diferente. Tanto que nós conversamos e qual seria o nome para esse programa? Aí surgiu a ideia dele, tudo foi. O mentor foi ele do nome “Cadê Você?”, justamente para resgatar a cultura, coisas que tinham caído no esquecimento do cotidiano, do dia-a-dia. Então ele disse: Jorge Kleber, vamos criar um programa diferente e trazer o Cadê Você. Cadê as nossas raízes, as histórias de São João, as brincadeiras de roda, as coisas que aconteciam tradicionais de cada região aqui da nossa cidade. Coisas que nossa mãe contava pra gente o que acontecia, como o pau de fita, o São João. Tinha a diferença que era o São João de antigamente. As festas de carnavais, micaretas que nós tínhamos. (Jorge Cleber, 21/02/2018)

Eu me emociono quando eu lembro do “Cadê Você?”, porque quando ele surgiu com essa ideia eu demorei um pouco. Mas, filho, esse programa cabe numa rádio dessa. Ele falou assim, amor, a gente precisa fazer um programa de resgate da cultura, da nossa identidade, das nossas raízes, também de valores, da ética. É preciso que a gente volte a falar sobre essas coisas na rádio. Vamos resgatar essas coisas que são importantes. (Luciana Lordelo, 22/02/2018)

A rádio Alvorada tem 1kw de potência, não pega somente em Cruz das Almas. Ela tem os municípios vizinhos que chega muito bem. Então, essa relevância é como te falei. É para relembrar as vezes daqueles esquecidos, como é que chamava. A gente chamava “A balada dos esquecidos”. Era as pessoas que tem uma contribuição que nunca vai se esgotar em Cruz das Almas. Mas, o rádio lembra. Você não sabe como é importante você dar um alô, a pessoa fica: rapaz eu ouvi o radialista falar de você. Oton tinha essa característica de lembrar das pessoas, principalmente das pessoas mais humildes, as pessoas que tinham serviço prestado a comunidade. (Rei Cônsul, 22/02/2018)

---

A relação do radialista com o público era sempre bem avaliada. Tratando de temas e notícias que voltassem para a cultura local, de maneira leve e descontraída, Oton conseguiu um diferencial na sua apresentação. Demonstrando completo domínio, quando comparado até com o radialista e irmão Jorge Cleber, que assumia ou participava da programação em momentos esporádicos.

Ele fazia um diferencial, realmente. As pessoas sentiam isso. Era peculiar dele a apresentação do Cadê Você porque ele era o âncora do programa. Eu só participava e quando, devido a sua atividade agrônômica, ele não podia participar eu fazia. As pessoas sentiam, ele era peculiar, ele tinha uma participação muito especial e ele fazia o programa diferente. Eu, realmente, não conseguia fazer o que ele fazia. Eu não conseguia acompanhar, devido ao meu estilo do rádio ser um pouco diferente do dele, mas, ele tinha uma peculiaridade de fazer diferente. Ele fazia isso muitíssimo bem. Quando ele apresentava o programa era um diferencial total. A seriedade e a integridade dele, isso aí, ele pregava muito. (Jorge Cleber, 21/02/2018)

Todo dia ele tinha uma coisa diferente para contar. Uma historinha, enfim, era uma série de coisas que me prendia e eu gostava. Tanto eu, como a própria Maria aí, gostava da maneira como ele se dirigia a todos os ouvintes. Todo dia ele tinha uma coisa diferente, um conselho, enfim. Alguma dica para nos dar. Gostava muito mesmo do programa dele. Era um programa diferente. Tem outras pessoas aí que conheci muito antes dele e não eram iguais. Não sei porquê, mas o Oton era marcante. (Fernando Brito, ouvinte, 21/02/2018)

Eu acho que serviu para dar um resgate também, não só de tudo isso que eu te falei, mas um resgate também do rádio. De voltar a ouvir o rádio, as pessoas a ouvirem o rádio. Era um programa bom de rádio. Porque a gente tem todo tipo de programa hoje. Tem uns programas bons, mas, cada um tem o seu gosto. E esse programa atingia uma população, essa população que, às vezes, estavam cansadas de ouvir no rádio notícias ruins. (...). Acho que isso foi importante, essa memória que Oton deixou, esse legado que ele deixou. Eu digo que foi um legado. E acho que foi importante para isso, fazia bem as pessoas. Ele também se sentia muito bem fazendo esse programa. Eu sei que fazia ele feliz e isso foi muito importante, até mesmo para o momento depois. (Luciana Lordelo, 22/02/2018)

Fidelidade a proposta de resgatar as tradições e costumes da cultura da sua região é uma realidade exposta diante dos depoimentos. A consolidação da memória não dependia apenas do interesse e da execução da proposta por parte do radialista. O rádio foi um instrumento primordial para que esse objetivo fosse atingido, tendo em vista que é um veículo de grande audiência na localidade. Quando o discurso de pessoas que direta ou indiretamente estavam envolvidas na permanência do programa remete a

uma associação da persona (Oton Silva) com o próprio nome e proposta do programa é plausível associar uma construção comunicativa – se não jornalística – pautada na aproximação da transparência, ética e verdade.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conhecer a trajetória do rádio é importante, no percurso histórico, para compreender de que maneira ele se firma como um veículo de comunicação de massa, reflexo da grande audiência e acesso a mensagem por parte da população majoritariamente analfabeta. Os sujeitos sociais que por meio do rádio, conseguiram reconhecer a sua identidade e cultura – seja local ou regional – têm a possibilidade de se tornarem atores na consolidação de uma memória. Ainda que esse processo sugira uma construção baseada em lembranças ou esquecimentos individuais e coletivos.

A falta dos arquivos do programa “Cadê Você?”, para eventuais análises, deixa uma lacuna para amplas discussões acerca do tema e permite pautar reflexões sobre os desafios enfrentados para que a memória seja construída ou consolidada no rádio. Seguindo o Decreto oficial para armazenar obrigatoriamente no período máximo de sessenta dias os arquivos, a administração das emissoras – conjuntas – Rádio Alvorada AM/Rádio Excelsior Recôncavo FM não tinha mais acesso aos arquivos com conteúdo veiculado nas edições do programa “Cadê Você?”, entre 2013 e 2017, quando solicitada em prazo que ultrapassa o período exigido para armazenamento. Entretanto, a disposição ao incentivo e apoio na realização da pesquisa foi imediata, demonstrando o interesse da administração na consolidação da memória no rádio.

Diante dos depoimentos acerca da proposta e produção do programa “Cadê Você?”, observa-se que a militância pela cultura a que se sentia pertencido, difundida por meio de um veículo de comunicação de massa como o rádio na região do Recôncavo da Bahia, é um dos contributos do Oton Silva na tentativa de consolidar a memória no rádio. É de suma importância, a investigação científica sobre a trajetória de profissionais do rádio, como Oton Silva, que buscam cotidianamente consolidar a memória. Sobretudo, revelando a contribuição da prática jornalística e dos meios de comunicação de massa para que seja possível o processo de reconhecimento e valorização da identidade e cultura de um povo, minimizando a possibilidade de extinções, esquecimentos e apropriações culturais inoportunas.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério de Estado das Comunicações. Portaria nº 4334, de 17 de setembro de 2015 - Dispõe sobre o serviço de radiodifusão comunitária. Disponível em: <<http://www.anatel.gov.br/legislacao/normas-do-mc/915-portaria-4334>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2017.

GOMES, Adriano Lopes. Rádio & memória: as narrativas orais na reconstituição da história da Rádio Poti / Adriano Lopes Gomes, Edivânia Duarte Rodrigues. Natal, RN: EDUFRN, 2016.

MEDITSCH, Eduardo. A compreensão da mensagem no radiojornalismo: uma abordagem cognitiva. Anais do INTERCOM, 2004.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. História e Memória: o rádio por seus locutores. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais. Out. 2016, vol. 3, ano III, nº 4. Disponível em: <[http://www.revistafenix.pro.br/PDF9/3.Artigo.Francisco\\_Alcides\\_do\\_Nascimento.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF9/3.Artigo.Francisco_Alcides_do_Nascimento.pdf)>. Acesso em 20 de fevereiro de 2018.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos / Gisela Swetlana Ortriwano. São Paulo: Summus, 1985.

SANTOS, Luciano dos. As Identidades Culturais: Proposições Conceituais e Teóricas. Revista Rascunhos Culturais. Coxim-MS, v. 2, n. 4, p. 141-157, jul./dez. 2011. Disponível em <[http://revistarascunhos.sites.ufms.br/files/2012/07/4ed\\_artigo\\_9.pdf](http://revistarascunhos.sites.ufms.br/files/2012/07/4ed_artigo_9.pdf)>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2018.

SILVA, Erotilde Honório. A memória do radiojornalismo cearense. Observatório da Imprensa, edição 279, 2004. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/a-memoria-do-radiojornalismo-cearense/>>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2018.